

A Teia Dialógica da Teoria Literária: Uma Proposição Hermenêutica

Prof^ª. Dr^ª. Adna Candido de Paula¹ (UFGD)

Resumo:

A mudança de paradigma de abordagem do texto literário ocorrida na passagem do século XIX para o século XX, notadamente no período pós-romântico, propiciou o início de uma sucessão de teorias literárias: Teorias Semiótica e Semiológica, Teoria Formalista, Teoria Estruturalista, Teoria Fenomenológica, Teoria Psicanalítica, Teoria do New Criticism, Teoria da Estética da recepção, Teoria Marxista, Teoria Genética, Teoria Desconstrutivista, Teoria dos Estudos Culturais e seus desdobramentos. Esta comunicação apresenta, com base nas noções ricoeurianas de “conflito das interpretações” e de “hermenêutica da suspeita”, um modelo hermenêutico possível para a configuração de uma práxis dos estudos da teoria literária, que objetiva elaborar uma teia dialógica, onde cada uma dessas teorias volta a atenção para os pontos aporéticos de sua própria abordagem observando aí a necessidade de, e a abertura para, o diálogo com as demais teorias.

Palavras-chave: Teoria literária, Hermenêutica, Paul Ricoeur,

Introdução

Hans-Georg Gadamer afirma em seu livro *Verdade e Método: A estética deve subordinar-se à hermenêutica* e complementa: *E, inversamente, a hermenêutica tem de determinar-se, em seu conjunto, de maneira que se faça justiça à experiência da arte* (GADAMER, 1997, p. 263). A relação entre estética e hermenêutica é antiga, sobretudo no que diz respeito à literatura. O que se observa é que tanto uma quanto a outra passaram por processos evolutivos, por transformações, ao longo dos tempos. Ao se considerar o fato de que ambas têm como objeto de investigação a linguagem, tem-se em destaque o elemento sobre o qual deverá se debruçar aquele que desejar investigar os pontos de contato entre essas áreas do conhecimento, o processo paralelo de evolução das mesmas, assim como, detectar as contribuições mútuas que há entre elas.

Dentro do limite permitido, aqui, para a apresentação dessas constatações, será apresentada, num primeiro momento, a evolução paralela que se dá entre a passagem da exegese para a hermenêutica moderna e da exegese literária romântica para a hermenêutica literária contemporânea. Na verdade, essa última será apresentada como um paradigma possível para os estudos da Teoria Literária.

Se F. D. E. Schleiermacher é considerado o fundador da hermenêutica moderna, não seria absurdo atribuir a Paul Ricoeur o título de fundador da hermenêutica contemporânea². O filósofo francês contribuiu para o enriquecimento desse saber ao lhe atribuir novos elementos, ele avança em relação à hermenêutica **romântica e psicologizante**, incorporando alguns valores da interpretação estruturalista. O filósofo irá se reportar às contribuições ontológicas advindas da filosofia heideggeriana e de alguns dos postulados defendidos por Gadamer, afinal, ambos rejeitam o psicologismo hermenêutico e apostam no entendimento da obra (texto) como mediadora entre interpretante e verdade.

A forma como Ricoeur estrutura seu discurso filosófico, construindo o que denomino a **teia dialógica** se apresenta como um modelo para a prática hermenêutica que fundamentaria os estudos da teoria literária. Sobre essa contribuição ricoeuriana, o projeto **Teoria Literária e Hermenêutica Ricoeuriana: Um Diálogo Possível**³ se debruçou por um ano e apresento, agora, em linhas gerais, o resultado dessa pesquisa.

1 Teoria Literária e Hermenêutica: um processo paralelo

A trajetória de evolução da hermenêutica se assimila à trajetória de evolução do processo interpretativo da teoria literária, constatação que pode ser compreendida analisando-as em paralelo e diacronicamente⁴. A hermenêutica, entendida como arte de interpretar, tem origem na antiguidade clássica, onde os pensadores a utilizavam como meio de aproximar, pela tradução, o mundo grego de Homero daqueles que não mais o reconheciam, não o compreendiam. Traduzir, um dos sentidos do verbo grego *hermeneuin*, além de significar **interpretar** também significa aproximar o significado de algo distante no tempo ao entendimento do leitor. Igualmente, a hermenêutica clássica objetivava oferecer uma técnica capaz de solucionar e interpretar os oráculos gregos e latinos. É na Idade Clássica que surgem as primeiras poéticas, entendidas pelos estudiosos da teoria da literatura como as primeiras produções teóricas acerca das obras literárias. Os cantos III e X de *A república*, de Platão, e a *Poética*, de Aristóteles, analisam a relação direta que se estabelecia entre o mundo desvelado na obra literária e o mundo real mimetizado. Nessas duas obras foram problematizados temas tais como a função do escritor na sociedade, a influência da obra no comportamento dos indivíduos, a hierarquia dos gêneros literários e a estrutura formal de cada um desses gêneros. Outra obra importante desse período é a *Epistula ad Pisones* de Horácio que introduz a relação intrínseca, presente em todo trabalho artístico, entre fundo e forma. Esses textos não postulavam uma metodologia de interpretação da obra literária, mas se reportavam a elementos estruturais e, portanto, poderiam ser considerados, por um lado, nos dias de hoje, produtores de uma leitura imanente da obra. Por outro lado, o fato de avaliarem o impacto que essas produções literárias produziam na sociedade, como um todo, e nas ações dos indivíduos, em particular, os enquadraria nas teorias literárias de orientação transcendente, ou seja, aquelas que se dedicam ao entorno da obra produzida: o contexto histórico em que a obra foi elaborada e publicada, a classe social a que pertence o autor, a relação direta dessa obra com as estruturas sociais e culturais do tempo em que foi criada e do tempo em que é atualizada pelo ato de leitura.

Já na Idade Média, a hermenêutica assume um caráter teológico, que tinha por objetivo dizer a verdade dos textos sagrados e que, para tanto, postulava uma **tradução normativa**, a partir do conhecimento metódico do texto sagrado (COSTA LIMA, 1981, p. 52). Tanto a hermenêutica clássica quanto a hermenêutica medieval faziam distinção entre o sentido literal e o sentido alegórico. É a nova hermenêutica teológica impelida pela Reforma que negará o método alegórico dando ênfase ao retorno às fontes como forma de recuperar a verdade dos textos, postulando assim uma interpretação correta dos mesmos. Segundo Luiz Costa Lima, essa recusa em considerar a alegoria no processo interpretativo não se restringiu à hermenêutica teológica: *No campo das artes, ela logo se faz presente com Galileu, que nas Considerazioni Al Tarso (depois de 1612), aproximava, pejorativamente, o tratamento alegórico da pintura maneirista em oposição à clareza da arte do Renascimento* (COSTA LIMA, 1981, p. 53). Essa nova hermenêutica teologia apresenta uma tendência a valorizar a forma em detrimento do fundo, ou da autoria. A história literária só irá ser configurada a partir do século XVIII, mas ela irá se apresentar como uma sucessão diacrônica, aparentemente dicotômica, que divide as produções artísticas em dois grandes blocos, o pólo da razão e o pólo da sensibilidade. As produções eram representadas em dois grandes blocos, de um lado, as obras Clássicas greco-latinas (776 a.C.-V), as obras do Renascimento/Humanismo/Classicismo (XV-XVII), do Arcadismo/Neoclassicismo (XVIII) e, de outro, as obras da Idade Média (V-XV), do Barroco/Maneirismo/Rococó (XVI-XVIII) e as do Romantismo (XVIII-XIX). Seguindo a mesma estrutura binária, a teoria literária se comporta de maneira pendular, ora valorizando e teorizando acerca da estrutura formal das obras literárias, pautada no ideal racionalista, ora valorizando e teorizando sobre o tema, a intensidade e o subjetivismo das obras analisadas. É na passagem do século XIX para o XX, com a crise da teoria literária subjetivista empreendida no período do Romantismo, que ocorrerá a mudança de paradigma da abordagem do texto literário, mas antes de observar essa transformação, é preciso voltar a acompanhar a evolução da hermenêutica.

A hermenêutica ficará submetida à teologia e à filologia até o século XVIII, quando Friedrich Schleiermacher (1768-1834) a libertará desses usos ao sustentar que se trata de uma teoria geral da compreensão e do entendimento. Schleiermacher colocará o foco da hermenêutica na linguagem e na observação do fato de que essa é condicionada pelo tempo e pelo espaço que diferenciam as eras da humanidade. Ainda assim, os postulados schleiermacherianos projetam uma hermenêutica de contorno universal. Identificam-se dois tipos de hermenêutica com Schleiermacher: a gramatical e a técnica. A primeira é objetiva e se interessa por captar os mecanismos de expressão da língua, apóia-se nos caracteres do discurso que são comuns a uma determinada cultura. Já a segunda é subjetiva e se detém a identificar o uso individual e particularizado das normas da linguagem, se dirige à singularidade da mensagem, à genialidade do escritor. Essa divisão da hermenêutica oferece, então, regras de interpretação cujo objetivo é evitar o **mal-entendido**. Não se trata de evitar o mistério, ou o nebuloso, mas antes, de evitar que a compreensão do texto não seja a correta. Isso significa aceitar a condição de uma verdade que é manifesta na obra e que poderá ser apreendida se a metodologia empregada direcionar o intérprete corretamente. Nesse sentido, o sujeito que lê é implicado nessa metodologia a fim de decifrar a verdade dos textos, o que os críticos chamaram de **método divinatório**. Esse método, no que consta dos estudos da teoria literária, se aproxima da noção de **teoria do gênio**, onde o exegeta literário se via incumbido de decifrar a intenção primeira do autor escondida na obra.

É, em última análise, um comportamento divinatório, um transferir-se para dentro da constituição completa do escritor, um conceber o “decurso interno” da feitura da obra, uma reformulação do ato criador. A compreensão é, pois, uma re-produção referida à produção original, um reconhecer do concebido, uma pós-construção, que parte do momento vivo da concepção, da “decisão germinal” como ponto de organização da produção (GADAMER, 1997. p. 292).

Para além do fato dessa hermenêutica ter como objeto de investigação final a compreensão correta, por conta do método divinatório, ao postular a interpretação gramatical, ela abre o precedente para a prática interpretativa pautada na linguagem, que terá fundamental importância na compreensão da hermenêutica ricoeuriana. Mas, ainda considerando o método divinatório postulado por Schleiermacher, é importante perceber que há uma diferença entre a interpretação psicologizante e a interpretação técnica postulada pelo filósofo. À primeira caberia, de fato, uma investigação da “pura intenção autoral”, já à segunda caberia uma investigação que leva em conta o condicionamento histórico do interpretante e da obra interpretada. O ato de compreensão em Schleiermacher é, portanto, a realização re-constitutiva de uma produção: *Tem que nos tornar conscientes de algumas coisas que ao produtor original podem ter ficado inconscientes* (GADAMER, 1997, p. 299). A possibilidade da inconsciência do processo criativo reforça a noção romântica da **estética do gênio**. Esse fluxo criativo incontrolável será tema, na modernidade, da estética surrealista inspirada nos preceitos psicanalíticos freudianos. Esse algo inconsciente ao próprio autor passa a ser considerado, na atualidade, como uma das fases da elaboração literária, a do lirismo puro. Para compreender essa participação é preciso relembrar a regra equacionada por Paul Dermée na revista *L'Esprit Nouveau*⁵ – Lirismo + Arte = Poesia – em que lirismo corresponde ao antagonista da inteligência, lirismo é matéria inconsciente e arte é produto da inteligência racional, ou seja, representa o trabalho estético que burila a pedra bruta oferecida pelo lirismo puro.

l'un et l'autre se conjuguent dans les états psychologiques complexes et l'on sait qu'il y a des états intellectuels d'exaltation heureuse où certainement le lyrisme entre pour une bonne part. [...] Il résulte de tout ce qui précède que le lyrisme a comme antagoniste l'intelligence. [...] Il est d'autre part nécessaire, pour le rendement maximum de l'un et de l'autre, que le lyrisme soit à l'état de pureté parfaite dans la poésie lyrique, comme l'intelligence doit être dépouillée d'affectivité dans l'exercice de ces fonctions logiques⁶ (GREMBECKI, 1969, p. 42)

A única forma, para o intérprete, de acessar esse lirismo puro, fruto da genialidade, é a **congenialidade**, que Schleiermacher desenvolve como possibilidade de acesso ao **outro**. O seu pressuposto é de que cada individualidade *é uma manifestação do viver total e que, por isso, cada qual traz em si um mínimo de cada um dos demais, e isso estimula a adivinhação por comparação consigo mesmo* (GADAMER, 1997, p. 295). Essa afirmação pressupõe que o intérprete é capaz de ultrapassar a distância temporal que existe entre ele e o autor e encontrar a emoção primeira deste por meio da linguagem. Vencer a distância histórica relativiza o condicionamento tempo-espaço ao qual o sujeito está condicionado.

Wilhelm Dilthey irá estabelecer a relação entre hermenêutica e ciência dividindo as áreas de conhecimento em ciências do espírito e ciências naturais, sendo que essas compreendem o objeto e aquelas o explicam. O que estabelece, nesse momento, uma dicotomia entre a explicação e a compreensão que será reelaborada por Paul Ricoeur. Toda a problemática implícita na relação entre história e hermenêutica merece uma abordagem mais profunda que, aqui, dado o objetivo central dessa comunicação não poderá ser apresentada. Por ora, atendo-me ao recorte de estabelecer uma relação evolutiva em paralelo da hermenêutica e da teoria literária.

Luiz Costa Lima irá identificar outra vinculação, para além da relação entre o método divinatório e a crítica subjetivista romântica, entre a hermenêutica de Schleiermacher e os estudos da teoria literária. Segundo ele, a metodologia interpretativa proposta pelo filósofo se aproxima da corrente literária que *realça na obra o uso efetivo da linguagem; indiretamente, aquela que [...] encara sua tarefa como a de apreender objetivamente o significado do texto, a subtilitas intelligendi, deixando assim de lado os móveis pragmáticos presentes na situação e escolha do próprio analista* (COSTA LIMA, 1981, p. 62-63). O que equivale a afirmar que Schleiermacher antecipa a junção moderna entre lirismo puro e trabalho estético, oferecendo objeto de investigação tanto para a estilística quanto para as críticas imanentistas.

Dilthey, ao concentrar esforços em demonstrar a diferença entre os processos interpretativos das ciências do espírito e da natureza respectivamente, também apresenta considerações caras à teoria literária na medida em que coaduna com a idéia de Schleiermacher de que o texto se faz presente como o local, por excelência, para se conceber *o espírito passado como presente, o espírito estranho como familiar* (GADAMER, 1997, p. 366). Com base nessa constatação, Dilthey afirma que há uma equivalência entre as ciências do espírito quanto ao seu objeto de investigação, afinal, todas se voltam para os textos. Ao postular o deciframento do texto como a prática hermenêutica que cabe às ciências do espírito, Dilthey direciona a atenção do interprete para a **coisa do texto**. Grosso modo, essa hermenêutica, assim como a de Schleiermacher, aposta nas leituras imanentes da obra. Mesmo tentando fugir do cartesianismo epistemológico, Dilthey é cooptado pelo pensamento metódico da ciência moderna. Esse mesmo espírito científico incitou os estudos dos, assim conhecidos, formalistas russos, bem como dos primeiros estruturalistas. Vale lembrar que o espírito cientificista que animou as últimas décadas do século XIX era, em última instância, uma reação ao subjetivismo exacerbado do Romantismo. No campo da literatura, as escolas realista e naturalista incorporaram o mesmo espírito da época buscando enfatizar a objetividade científica passível de ser apresentada e apreendida das obras literárias.

Para concluir esse breve panorama evolutivo da hermenêutica falta ainda considerar outros dois hermeneutas que oferecem importantes contribuições para a discussão acerca dos procedimentos interpretativos empreendidos pela hermenêutica e pela teoria literária. O primeiro deles é Martin Heidegger, e o outro, já bastante citado aqui, é Hans-Georg Gadamer. Heidegger transpõe a antiga dicotomia entre sujeito e objeto postulando a condição ontológica do ser-aí, no mundo, como ponto de partida para o entendimento da compreensão, assim sendo, transforma a interpretação numa condição do ser, ou de ser. O ser é à medida que se interpreta no mundo, dentro da temporalidade do *Dasein*, pois o *Ser da existência consiste em ser de tal modo, em ser dentro de uma inevitável parcialidade* (COSTA LIMA, 1981, p. 55). A hermenêutica ontológica postulada por Heidegger ofere-

ce outra função para o processo de compreensão que, fundado na fenomenologia, passa a ter o caráter de autoconhecimento do sujeito que interpreta, o que equivale a afirmar que, com Heidegger, a hermenêutica deixa de ser uma forma de **compreender** para ser uma forma de **ser**. A contribuição ontológica trazida por Heidegger à prática hermenêutica é incorporada igualmente pela teoria literária nas abordagens que consideram o sujeito não como individualidade livre, mas como indivíduo condicionado por forças externas tais como a social, a histórica e a cultural, forças que estão conjugadas no processo interpretativo, visto que interferem na constituição do *Dasein*. Estão sob esse guarda-chuva interpretativo, mais diretamente, as teorias sociológicas, marxistas e culturais, e indiretamente, a teoria psicanalítica.

Seguindo essa concepção ontológica da hermenêutica, Gadamer determinará o sentido de suas pesquisas acerca da tarefa hermenêutica, não como a busca por uma teoria geral da interpretação, mas como investigação sobre as condições gerais de todos os modos de compreender e mostrar que a compreensão não é um posicionamento subjetivista diante do objeto, mas faz parte da compreensão do ser: *O fenômeno da compreensão perpassa não somente tudo que diz respeito ao mundo do ser humano. Tem vitalidade independente também no terreno da ciência e resiste à tentativa de deixar-se ser reinterpretado como um método da ciência* (GADAMER, 1997, p. 31). Gadamer oferece a esse estudo comparado com a evolução da teoria literária mais elementos comuns ao processo hermenêutico, principalmente porque, diferentemente de Schleiermacher e Dilthey e mais próximo das considerações heideggerianas⁷, volta sua investigação para a compreensão das obras de arte. A Gadamer interessa a verdade do texto que não pode ser conhecida através de um procedimento científico, mas sim através da experiência da arte e da tradição histórica. O estudo da tradição hermenêutica mais as considerações feitas, a partir dessa tradição, problematizando-a e apresentando novos dados, estabelece objetivamente uma relação entre a compreensão hermenêutica e a interpretação de obras literárias. É possível afirmar que Heidegger inaugura, Gadamer desenvolve e Ricoeur amplia o ponto de interseção entre a hermenêutica e a teoria literária.

Gadamer ultrapassa a dicotomia clássica entre explicação e compreensão e afirma que nenhum processo interpretativo pode ser puramente objetivo ou subjetivo. Além dessa atestação a hermenêutica gadameriana aponta para dois outros elementos de fundamental importância no processo interpretativo: o receptor e o mundo real como referência primeira do mundo transformado esteticamente. Quanto ao receptor, Gadamer entende que este é solicitado pela obra no ato de compreensão, pois é ele que garante a **fusão de horizontes**, ou seja, a releitura do passado da obra a partir de seu efeito no presente. Tanto a estética da recepção quanto a semiologia trabalham com a especificidade do receptor e dos contextos – o da obra, o do emissor e o do receptor – implícitos no ato de compreensão. A idéia da **imagem** refletida no espelho como jogo da arte, amplia a noção de *mimesis* como cópia da realidade. No jogo da arte têm-se o rastro do mundo real, como referência, e a alteridade do próprio mundo refletido no espelho. A fim de promover a **fusão de horizontes** será necessário considerar, no ato interpretativo, as presenças da pré-compreensão e da pré-concepção implícitas ao ato de leitura. Gadamer não postula o controle das inferências, que são promovidas exatamente pelas pré-concepções, como fez Roman Ingarden com sua leitura **pré-estética**. O hermenêuta defende que *quando se empreende uma leitura, não é necessário que se esqueçam todas as opiniões prévias sobre seu conteúdo e todas as opiniões próprias. O que se exige é simplesmente a abertura à opinião do outro ou à do texto* (GADAMER, 1997, p. 404). Sem que haja essa abertura, não haverá **fusão de horizontes**.

Outras considerações acerca da hermenêutica de Gadamer poderiam ainda ser feitas, mas, sendo fiel ao objetivo deste texto que é o de evocar, com ênfase, as contribuições que a filosofia e a hermenêutica ricoeurianas oferecem para os estudos da teoria literária, voltarei, em outro texto, a apresentar a relevância de outros elementos implícitos ao processo interpretativo que são abordados por Gadamer.

2 Hermenêutica Ricoeuriana: um paradigma possível para a Teoria Literária

A filosofia de Paul Ricoeur se insere na tradição dos estudos hermenêuticos, mas, com um objetivo definido que ultrapassa a problematização sobre a *práxis* dessa disciplina. O problema filosófico ricoeuriano foi, desde o início, a ética, pensar a ética em termos de uma teleologia no mundo contemporâneo. A trajetória de pesquisa empreendida pelo filósofo francês representa um paradigma hermenêutico e esse é um dos elementos que faz de seu pensamento e obra um modelo para os estudos da teoria literária. Mas, antes de ampliar essas considerações, é preciso conhecer a inserção do filósofo na tradição hermenêutica.

Ricoeur dialogou com todos os autores da tradição dos estudos hermenêuticos e incorporou alguns de seus elementos à sua própria concepção do ato interpretativo enquanto fenômeno. Início essa incursão da hermenêutica proposta por Ricoeur onde ele mesmo considerou tomar um caminho próprio, quando, diferentemente de Heidegger, opta pela **via longa** no processo de **enxerto** [*la greffe*] da hermenêutica sobre a fenomenologia. Trata-se de um percurso que passa por considerações lingüísticas e semânticas. A fim de compreender a epistemologia da interpretação, o filósofo francês inicia sua investigação com uma reflexão sobre a exegese e segue problematizando diferentes processos interpretativos, tais como, o método da história, a psicanálise e a fenomenologia da religião, tendo como horizonte, uma ontologia da compreensão. O primeiro procedimento defendido por Ricoeur para a realização dessa empreitada é a renúncia à idéia de que a hermenêutica seja um **método** digno de lutar com as mesmas armas que as ciências da natureza. É preciso, também, sair da problemática relação entre o sujeito e o objeto e se interrogar sobre o ser, sobre o ser-no-mundo. Nesse sentido, Ricoeur acorda com Heidegger que o ser investigado é o ser que existe compreendendo. A fenomenologia que interessa nesse processo de enxerto é a última fenomenologia de Husserl onde sua crítica ao objetivismo postula o **mundo da vida** que se traduz por uma unidade de significações da vida intencional que existe antes da relação sujeito-objeto. Somada à concepção desse mundo da vida anterior à experiência, tem-se o fato de que a compreensão histórica é, em última instância, uma compreensão do **ser-com**: *L'explicitation de ce caractère historique est donc préalable à toute méthodologie*⁸(RICOEUR, 1969, p. 13). Essas considerações foram suficientes para Heidegger aproximar a hermenêutica da fenomenologia, mas, para Ricoeur, antes de subordinar o conhecimento histórico à compreensão ontológica, era necessário demonstrar como se dá esse processo. O caminho escolhido para essa atestação é o da investigação sobre a linguagem, o meio pelo qual a compreensão é um modo de ser, pois é através dela que se poderá elucidar uma semântica do conceito de interpretação. Essa semântica se constitui em torno do tema da significação, da multiplicidade de sentidos e de sua capacidade simbólica. O objetivo de Ricoeur foi mostrar que a compreensão de expressões multívocas ou simbólicas é um momento da compreensão de si. Esse sujeito que se interpreta não é mais o sujeito cartesiano, mas um **existente** que descobre, pela exegese de sua vida, que ele é colocado em seu ser antes mesmo de se possuir (RICOEUR, 1969).

Ricoeur determina que o elemento comum a toda atividade interpretante, da exegese à psicanálise, é o duplo sentido ou o múltiplo sentido, que tem como função, de uma maneira geral, mostrar escondendo. A essas expressões multívocas, Ricoeur denomina-as simbólicas. Para ele, é símbolo toda a estrutura de significação onde um sentido direto, primário, literal, designa, a mais, outro sentido indireto, secundário, figurado, que só pode ser compreendido através do primeiro (RICOEUR, 1969). Investigando as modalidades de expressões simbólicas dentro da linguagem, o filósofo irá dialogar com diferentes autores de diferentes áreas do conhecimento e, em especial, autores que são abordados por pesquisadores da teoria literária e, alguns, que se dedicaram, eles mesmos, a problemas epistemológicos dessa área de conhecimento literária, tais como, C. S. Peirce, J. Greimas, F. Saussure, E. Benveniste, J. Austin, N. Chomsky, R. Jakobson, R. Barthes, E. Auerbach, C. Bremond, N. Frye, G. Genette, R. Ingarden, H. R. Jauss, W. Iser, M. Riffaterre, entre outros.

Grosso modo, Ricoeur, a fim de perseguir seu objeto de investigação, ou seja, a estruturação de uma sabedoria prática definida como **pequena ética**, e utilizando como *corpus* de análise a linguagem, percorreu um longo caminho que passou pelo conhecimento profundo da dupla referência metafórica antes de ampliar essa investigação com as considerações acerca da temporalidade e da representação do mundo ficcional. Correndo o risco de cair no imperdoável reducionismo a que me obriga esse limitado espaço de reflexão, apresento em linhas gerais o caminho empreendido por Ricoeur no qual podemos identificar a dupla contribuição que seus postulados filosóficos oferecem para os estudos literários, sobretudo para a teoria literária. A partir da definição do símbolo como algo que está no lugar de outra coisa e que, portanto, engendra a reflexão acerca dessa segunda referência, tem-se o paradigma da hermenêutica da suspeita, ou seja, o símbolo como algo que faz “pensar mais”, para além do dado primeiro, é o objeto por excelência da investigação acerca da linguagem. Essa apreensão do símbolo irá fundamentar a pesquisa acerca da teoria da substituição implícita na metáfora. O estudo da dimensão metafórica inicia-se com a palavra, passa pela frase e chega ao discurso, o objeto configurado da pesquisa ricoeuriana. A Ricoeur importa a referência do enunciado metafórico enquanto poder de **redescrever** [*redécrire*] a realidade: *La métaphore se présente alors comme une stratégie de discours qui, en préservant et développant la puissance créatrice du langage, préserve et développe le pouvoir heuristique déployé par la fiction*⁹ (RICOEUR, 1975, p. 10). A inovação semântica da metáfora, quando esta se configura em linguagem narrativa dentro do enredo ficcional, evoca o caráter polissêmico desse enredo que, heurística-mente, representa um mundo **habitável**. A configuração do mundo habitável que é manifesto pela leitura do enredo da narrativa ficcional, dentro da hermenêutica ricoeuriana, tem como fundamento a questão da temporalidade que só pode ser reconhecida e interpretada, quando disposta em narrativa. A temporalidade humana é a temporalidade narrada. Tendo em vista que a redescrição metafórica destaca-se no campo do *páthos*, dos valores sensoriais, estéticos e axiológicos, que estruturam o mundo **habitável**, percebe-se que a função mimética das narrativas se exerce de preferência no campo da ação e de seus valores temporais (RICOEUR, 1975). É a partir dessa constatação que Ricoeur configura, enfim, o objeto primeiro de sua investigação – a dimensão ética das narrativas ficcionais.

Para Ricoeur, a teoria do texto defendida em sua hermenêutica se reinscreve na teoria da ação, pois os textos, em especial os literários, se apresentam como um conjunto de signos que mantém, mais ou menos, ligações com os elementos que não deixam de designar. Dentre esse signos estão homens agindo e sofrendo ações. Ao se considerar que o laço mimético entre o ato de dizer e o agir efetivo jamais foi rompido, mas que só está distante, mais complexo e de acesso indireto, é possível avaliar a orientação ética presente nesses discursos. Contudo, para explicitar de maneira mais clara essa passagem da hermenêutica do texto para uma poética da ação é necessário considerar outra contribuição relevante de Ricoeur para os estudos da teoria literária, a proposição da tríplice *mimesis*. A primeira *mimesis* é a **pré-figuração**, ou seja, é a pré-compreensão comum do mundo que, em termos literários, representa as escolhas que o escritor faz dos elementos que ele elege no mundo real para serem transformados esteticamente no mundo ficcional da poesia ou da prosa. A segunda *mimesis* é a **configuração**, trata-se da relação entre escritor e obra, mais especificamente, é o trabalho de configuração estética empreendida pelo autor no tratamento dado ao material colhido na pré-figuração. A configuração é o intermédio entre a pré-figuração e a **refiguração** que representa a terceira *mimesis*. É na refiguração que se dá a junção entre o mundo do texto e o mundo do leitor, visto que é no ato de leitura que esse primeiro se manifesta. O texto ganha, na configuração, autonomia em relação ao autor e ao contexto visto que ela constrói um todo heterogêneo que tem por referência o mundo mimetizado, mas que, por outro lado, se distancia dele pela inovação metafórica; nesse sentido, toda narrativa é uma **concordância discordante**. Como referência primeira que se abre potencialmente para a segunda referência, a narrativa ficcional oferece, à realidade comum, novas possibilidades de ser no mundo. Segundo Olivier Abel, a leitura não deixa o leitor intacto (ABEL, 2000, p. 158), pois sua subjetividade é colocada em suspense por sua exposição ao texto, o

qual apresenta a ele novas possibilidades de agir e de sentir. A mudança operada no mundo real só é possível porque o mundo do texto perturba, suspende e reorienta as expectativas prévias do leitor. A narrativa ficcional problematiza o mundo e permite a aparição de outros mundos possíveis. Por outro lado, o sujeito que lê e interpreta é um sujeito problemático e, diante do texto, *il est dépossédé de sa naïvité première par la critique, mais au terme de son parcours une naïvité seconde lui est offerte, la naïvité poétique ou la naïvité éthique qui sont celles d'un monde à enfanter*¹⁰ (ABEL, 2000, p. 161).

É possível identificar, seguindo a trajetória investigativa empreendida por Ricoeur, a dupla contribuição, mencionada anteriormente, que seus postulados oferecem para a teoria literária. A primeira contribuição é de ordem temática. Ao configurar o mundo do texto como mundo poético e ético, em última instância, Ricoeur trata de temas comuns aos estudos literários: a temporalidade, a historicidade, a representação, o caráter polissêmico da linguagem e a dupla referência metafórica. A segunda contribuição é de ordem formal e, também, temática. Com a mudança de paradigma de análise dos textos literários ocorrida na passagem do século XIX para o XX, têm-se o surgimento das correntes teóricas cuja abordagem das obras não era *mais fundada em considerações não lingüísticas, considerações, por exemplo, históricas ou estéticas, quando o objeto de discussão não é mais o sentido ou o valor, mas modalidades de produção de sentido ou de valor* (COMPAGNON, 1999, p. 24). Essa mudança abriu o precedente para uma sucessão de teorias literárias: Formalismo russo, Estruturalismo, Análise fenomenológica, Análise psicanalítica, *New Criticism*, Estética da recepção, Análise marxista, Análise semiótica e semiológica, Análise genética, Análise desconstrutivista, Análise cultural, e todos os desdobramentos teóricos que essas linhas promoveram. Entretanto, mesmo com essa pluralidade de teorias, o movimento da crítica e da teoria literária permaneceu pendular: ora voltado para a materialidade da obra, ora voltada para o seu entorno, ou seja, ora metodológica, objetiva e **científica**; ora impressionista, humanista e reflexiva.

Ao observar esse aspecto dialético das teorias literárias, após a imersão nas obras de Paul Ricoeur, foi possível detectar, ali, uma grande contribuição metodológica para a teoria literária, uma metodologia amplificadora. Ricoeur é considerado por muitos pensadores da atualidade como um intelectual engajado, no sentido de ser um pensador que se voltou para os problemas do seu tempo, que aproximou o discurso filosófico da vida real, atual, ao dar ênfase à questão da ação humana. O ponto alto desse engajamento está na forma como ele se dá, ou seja, na metodologia que tem por princípio uma generosidade ímpar. Ricoeur respeita o **outro** texto, posiciona-se, inicialmente, como leitor disposto, ou seja, como a abertura de aceitação do **outro**. Após esse trabalho de leitura, o filósofo inicia o procedimento hermenêutico, que é uma *práxis*. O passo seguinte ao da leitura é o da inserção desse texto na trama dialógica da qual já fazem parte outros textos, tanto modernos quanto da tradição filosófica, ou não. Essa **abertura** ao texto pelo ato da leitura é um procedimento modelo para a aproximação ao texto literário, assim como para a aproximação aos textos teórico-literários. Só o conhecimento investigativo do material analisado, obra ou teoria literária, permite a instauração da hermenêutica amplificadora, aquilo que Ricoeur denomina **hermenêutica da suspeita**. O mundo heterogêneo, desvelado pelo ato de leitura na narrativa ficcional, expõe diferentes elementos que permitem interpretações plurais. Paul Ricoeur chamou a atenção para essa pluralidade de interpretações quando comentou a análise freudiana em *Leonardo*¹¹, considerando-a redutora por ter como base o dado biográfico do arrebatamento do jovem Da Vinci dos braços de sua mãe para ser readaptado no lar paterno. O desejo recalcado, a recuperação dessa mãe para sempre perdida, é ainda uma análise que passa pelo símbolo, que por si só abre a possibilidade para **outras** leituras. Ricoeur conclui, em sua análise, que o psicanalista deveria estar preparado, por sua própria cultura, para esse confronto: *não para aprender a limitar exteriormente sua própria disciplina, mas para descobrir nela as razões de levar sempre mais longe os limites já atingidos* (RICOEUR, 1969, p. 175-176). A escolha pela via longa do enxerto da fenomenologia sobre a hermenêutica é um exemplo significativo do que o filósofo defende como positivo no **conflito das interpretações**. Ricoeur aposta no conflito das interpretações como uma *práxis* mais completa a

fim de enriquecer as hermenêuticas individuais. Estar preparado para o momento em que o objeto interpretado orientará o intérprete para novas direções, para **outras** teorias interpretativas, é ampliar os limites tanto do objeto analisado quanto das teorias conjugadas e implicadas naquele ato hermenêutico. Essa é a direção para a qual a teoria literária deveria ser orientada. Outrossim, para cada um dos tópicos pertencentes, ao mesmo tempo, à filosofia ricœuriana e à teoria literária é possível apreender, dentro do texto de Ricoeur, uma fortuna crítica significativa. Por exemplo, no caso da recepção, o diálogo do filósofo inicia-se com Aristóteles e continua com outros escritores que se debruçaram direta ou indiretamente sobre a mesma questão: Wayne Booth, Michel Charles, Wolfgang Iser, H.-R. Jauss, Gerard Genette, Michael Riffaterre e Hans-Georg Gadamer.

Na atualidade, com a profusão de teorias literárias emergentes, há de se pensar na possibilidade do diálogo entre elas, há de se apostar na possibilidade de troca, do aproveitamento, da intertextualidade, ou interdisciplinaridade, dentro da própria **textualidade** literária. Trata-se não somente de ler outras ciências e saberes, a fim de enriquecer o suporte teórico de abordagem do texto literário, mas de ler e dialogar com outros saberes pertencentes ao próprio domínio literário. No sentido mais amplo da proposição dialógica, trata-se, em última instância, de uma questão ética. Não mais a ética postulada por Ricoeur e obtida no processo da leitura de narrativas ficcionais. Trata-se de uma ética acadêmica em termo de uma teleologia. Segundo Terry Eagleton, a teoria literária tem direcionamento político e serve a propósitos outros distantes da pura análise estética, na verdade, ele não acredita em teoria literária **pura**:

As teorias literárias não devem ser censuradas por serem acadêmicas, mas sim por serem, em seu conjunto, disfarçada ou inconscientemente políticas; devem ser criticadas pela cegueira com que oferecem como verdades supostamente **técnicas, auto-evidentes, científicas** ou **universais** doutrinas que pouco de reflexão nos mostrará estarem relacionadas com, e reforçarem, os interesses específicos de grupos específicos de pessoas, em momentos específicos. (EAGLETON, 2003, p. 268)

Negar a orientação política é impossível e o presente texto não se propõe a tal. O que ele sugere é a prática do diálogo entre as teorias literárias como forma de ser mais fiel ao próprio produto literário que aos interesses de pequenos grupos e é nesse sentido que se observa na práxis ricœuriana um orientação ética. Fechar-se dentro de uma única linha teórica e acreditar que essa, sim, seria capaz de apresentar uma leitura crítica ampla e definitiva a respeito de uma determinada obra literária é uma inocência, para não dizer, imaturidade teórica. Seja essa linha voltada para o entorno e para as implicações dessa obra no mundo real, seja ela voltada para a estrutura interna da obra, o efeito é o mesmo. Um produto plural como o é a obra literária exige um suporte teórico de análise tão plural quanto a própria obra.

Conclusão

Obviamente, muitas das considerações arroladas neste texto necessitam ser mais amplamente discutidas, contudo, para o objetivo central a que se propôs esta reflexão, foram apresentados os principais elementos das obras de Paul Ricoeur que poderão instigar os leitores, ao menos, à leitura de suas obras. Paul Ricoeur jamais postulou uma teoria literária, no entanto, como foi apresentado acima, sua obra, como um todo, apresenta uma interdisciplinaridade objetiva entre a filosofia e a teoria literária. A fim de encerrar este texto gostaria de fazer uma última consideração acerca da estrutura filosófica ricœuriana, que deve ser interpretada como uma tomada de posição pelo **pensar mais**, um posicionamento que engendrou, ao apostar na via longa do enxerto da hermenêutica na fenomenologia, a hermenêutica amplificadora. Foi justamente essa aposta no **pensar mais** que permitiu a incursão no universo do símbolo e da linguagem. O que equivale a afirmar que, enquanto paradigma proposicional do diálogo entre as diferentes áreas do saber, a hermenêutica ricœuriana indica um caminho frutuoso de investigação para a teoria literária.

Referências Bibliográficas

- [1] ABEL, Olivier. *L'éthique interrogative: herméneutique et problématique de notre condition langagière*. Paris: Presses Universitaires de France, 2000.
- [2] COMPAGNON, Antoine. *O demônio da Teoria: Literatura e senso comum*. Trad. Cleonice Paes Barreto Mourão. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1999.
- [3] COSTA LIMA, Luiz. *Teoria da literatura e suas fontes*. 1981.
- [4] EAGLETON, Terry. *Teoria da literatura: uma introdução*. Trad. Waltensir Dutra., 5ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- [5] GADAMER, Hans-Georg. *Verdade e método*. Tradução de Flávio Paulo Meurer. Petrópolis: Vozes, 1997.
- [6] GREMBECKI, Maria Helena. *Mário de Andrade e L'Esprit Nouveau*. São Paulo: IEB, 1969.
- [7] RICOEUR, Paul. *La métaphore vive*. Paris: Le Seuil, 1975.
- [8] _____. *Le conflit des interprétations – essais d'herméneutique*. Paris: Éditions du Seuil, 1969.

¹ **Adna CANDIDO DE PAULA, Prof^ª. Dr^ª.**

Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD)
Faculdade de Comunicação, Artes e Letras
adnapaula@yahoo.com.br

² Utilizo o termo “contemporânea” ao invés de “pós-moderna” a fim de evitar problematizar, nesse curto espaço textual, a afirmação de uma pós-modernidade que, na opinião de alguns teóricos, como Bruno Latour em seu livro *Jamais fomos modernos*, ainda é bem imprecisa em seu conceito. A hermenêutica ricoeuriana poderia então ser considerada uma hermenêutica do século XXI, onde o diálogo se apresenta como único caminho possível a fim de agregar diferenças sem a perda de identidades.

³ O projeto “Teoria Literária e Hermenêutica Ricoeuriana: Um Diálogo Possível” foi desenvolvido por mim na categoria de pós-doutoramento junto ao Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), sob a supervisão da Prof^ª. Dr^ª. Suzi Frankl Sperber e foi contemplado com a bolsa de pós-doc da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP). O início da pesquisa foi em junho/2007 e se encerrará em setembro de 2008 com o “Simpósio de Teoria Literária e Hermenêutica Ricoeuriana”, organizado por mim e pela Prof^ª. Dr^ª. Suzi Frankl Sperber.

⁴ A primeira parte dessa empreitada, a da apresentação da evolução paralela entre a hermenêutica e a teoria literária, já foi empreendida, em 1981, por Luís Costa Lima no capítulo “Hermenêutica e abordagem literária” do livro *Teoria da literatura e suas fontes*. Minha pesquisa tem por objetivo acrescentar alguns elementos a essa relação hermenêutica-teoria literária depreendidos da hermenêutica postula por Paul Ricoeur.

⁵ DERMÉE, Paul. “Découverte du Lyrisme”. Artigo publicado no n.º 1 da revista *L'Esprit Nouveau*. _____. “Poésie = Lyrisme + Art”. Artigo publicado no n.º 3 da revista *L'Esprit Nouveau* In: GREMBECKI, Maria Helena. *Mário de Andrade e L'Esprit Nouveau*. São Paulo: IEB, 1969.

⁶ “um e o outro se conjugam dentro de estados psicológicos complexos e a gente sabe que há estados intelectuais de exaltação feliz onde certamente o lirismo entra para uma boa parte [...] O resultado de tudo isso que precede é que o lirismo tem como antagonista a inteligência. [...] Por outro lado, é necessário, para o rendimento máximo de um e de outro, que o lirismo esteja em estado de pureza perfeita na poesia lírica, como a inteligência deve ser efetivada no exercício de suas funções lógicas”.

⁷ Conferir HEIDEGGER, Martin. *A origem da obra de arte*. Lisboa: Edições 70, 1999.

⁸ “A explicitação desse caráter histórico é logo anterior a toda metodologia”.

⁹ “A metáfora se apresenta então como uma estratégia de discurso que, preservando e desenvolvendo a potência criativa da linguagem, preserva e desenvolve o poder heurístico desenvolvido pela ficção”.

¹⁰ “ele é despojado de sua ingenuidade primeira pela crítica, mas, ao final de seu percurso, uma ingenuidade segunda lhe é ofertada, a ingenuidade poética ou a ingenuidade ética que é aquela de um mundo a nascer”.

¹¹ Paul Ricoeur comenta as análises que o psicanalista apresenta no livro: FREUD, Sigmund. *Leonardo da Vinci e uma lembrança de sua infância / O Moisés de Michelangelo*. Trad. Walfredo Ismael de Oliveira. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1997.